

DON QUIXOTE

de Angelo Agostini
Largo da Carioca Nº 4 (Sobrado)



- Que pena não estarmos por aqui há mais tempo! Um banquete sumptuoso no Cassino me deram, logo que cheguei
- E eu, uma recepção entusiástica apenas cheguei... Que bello povo!.
- E tudo isto devido ao Campos Salles.
- Você acha!

O DON QUIXOTE

Rio de Janeiro, 24 de Agosto de 1901

Escreptorio e Redacção

LARGO DA CARIOCA N. 4

SOBRADO

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL		ESTADOS	
Anno.....	25\$000	Anno.....	30\$000
Semestre.....	14\$000	Semestre.....	16\$000
NUMERO AVULSO 1\$000			

EXPEDIENTE

AVISO

Rogamos aos nossos assignantes, o obsequio de mandarem reformar suas assignaturas, afim de não termos o desgosto de suspender a remessa da folha.

A importancia da assignatura, poderá ser enviada em carta registrada no correio, com o valor declarado, ou em um vale postal.

Tota a correspondencia deve ser dirigida a Angelo Agostini, largo da Carioca n. 4, sobrado.

CHRONICA

Por muito tempo, até bem pouco tempo, eu proprio, modesto chronista, devoto do Sonho consolador, do devaneio voador e excelso,—acreditei que nunca aos pobres espiritos humanos, acorrentados á carne pesada e fraca, seria dado o dominio das alturas, o vôo do infinito senão com as azas do cerebro, na aspiração eterna do Excelsior, na dolorosa e eterna nostalgia da liberdade, da força, do pleno azul.

Filho dilecto de Icaro, com respeitosa dôr, sorria das azas falsas do audaz e tremia resignado, humilde ante as furias inatacaveis dos Eolos a soprar omnipotentes a poeira das ambições humanas, sobre a face da Terra, a Terra—carcere estreito e escuro das nossas pobres almas sonhadoras.

O nosso avô mais proximo, o meigo frade Bartholomeu de Gusmão—sua memoria gloriosa e miseravel—tambem me lançava o meu coração de uma piedade infinita, com o seu curto vôo de santo louco cahindo de novo mal-ferido, sobre a Terra de pó.

Mas depois abriu-se em nossa alma uma clareira deslumbrante de esperança, uma

fé dulcissima no sonho de Icaro. Santos Dumont voava. A sua aeronave ligeira evolucionava, ia, vinha, zombando dos ventos, rindo do sol, pairando intrepido, soberbo, superior. E a alegria do patriotismo, a alma de sonhador expandiu-se-me radiante.

Vieram provas e mais provas, uma commissão de francezes especialistas propoz um premio. O brasileiro ousado tentou, lutou, a preço de bravura, de trabalho venceu todas as provas.

Accumulavam as dificuldades e elle encarando-as, destruindo-as, cheio de fé e de talento transpunha-as todas.

Por fim a sua victoria foi indiscutivel, sublime. Milhares e milhares de homens deslumbrados presenciaram a sua gloria vencidos pela verdade, empolgados pelo exito completo.

Mas o Aero-Club não se pôde resignar a entregar o premio a um filho do Brazil desconhecido quasi; ao moço, que não nasceu a sombra de Montmartre, e desceu do terreno da sciencia, da verdade para o sophisma, a rabulice e a má vontade manifesta.

Mas não importa esta teimosia indigna. A Santos Dumont pouco importa o premio pecuniario que já destinou aos pobres. Maiores sacrificios elle tem feito para obter o esplendido resultado e a sua recompensa está na gloria indestructivel que se irradia em applausos da multidão delirante.

GATINHO.

OS CANDIDATOS DA CONVENÇÃO

Na ultima terça-feira chegaram á Capital Federal, vindo dos Estados de Minas Geraes e S. Paulo, os Srs. Dr. Rodrigues Alves e Silviano Brandão, candidatos indicados pela Convenção do Partido Republicano para os altos cargos de presidente e vice-presidente da Republica nas eleições que se devem realizar no proximo anno.

No dia seguinte foi offerecido aos dois illustres estadistas um sumptuoso Banquete nos salões do Cassino Fluminense, e que assumiu importante significação politica, sendo offerecido pelos mais elevados membros do partido para apresentação official da plataforma dos candidatos.

A do Sr. Dr. Rodrigues Alves, longa, concisa e vibrante, manifestando o seu

programma, suas ideias e plano de governo, é calorosa de amor e confiança pelas instituições, esperanças risonhas na vitalidade nacional e força da Republica, encarando de modo franco e energico as dificuldades e primordiales tarefas, garantindo um patriotismo seguro e profundo.

Declara sustentar decidida e resolutamente a Constituição de 24 de Fevereiro, dizendo :

Fui collaborador humilde nos trabalhos de organização do regimen republicano e tive a honra de ser um dos vossos companheiros na elaboração da grande lei constitucional em que elle repousa. É um código notavel, não só pela sabedoria de suas disposições, como pelo espirito liberal e democratico que o inspirou.

Convém affirmar-o com decisão, hoje que uma corrente se forma para combatel-o em suas theses primordiales.

Não sou revisionista. Não é que a Constituição dos povos possa escapar ás leis do progresso e ao influxo da evolução, ou que me afflijam os perigos de uma constituinte. Não o sou, porque tenho a firme convicção que a lei organica da Republica encerra principios do mais elevado liberalismo que, bem e lealmente executados, hão de assegurar á nossa patria a sua prosperidade e grandeza.

A federação foi o grande alicerce em que se fundou a Republica, e o presidencialismo a melhor forma politica para garantil-a.

É preciso respeitar essas duas grandes ideias do legislador constituinte, sabiamente instituidas no inicio do regimen e largamente acatadas pela grande força da opinião nacional.

Houve um tempo em que o movimento revisionista se agitou em torno da idéa da discriminação das rendas. Afigurava-se a alguns espiritos bem intencionados que, na partilha das contribuições, a União havia sido grandemente prejudicada e os Estados demasiadamente favorci los, derivando-se d'ahi a causa principal de nossas dificuldades financeiras.

Mais de uma vez tive oportunidade de ponderar que melhor poderia ter sido decretada aquella discriminação, mas que, com ella — e o repeti em documento recentissimo — a União estava armada dos meios sufficientes para acudir a todos os serviços da federação e honrar os compromissos da Republica.

Devemos nos convencer de que, bem assegurada a verdade do alistamento eleitoral, que é a base de uma legitima representação, e garantida a liberdade do voto a todas as opiniões, o regimen republicano ha de demonstrar a sua superioridade, impondo silencio a murmurações e impacencias. Esse ha de ser sem cessar, em toda a parte, o bom cimento dos regimens de civismo e de liberdade.

Refere-se depois á administração financeira em vigor, approvando-a em geral, apontando os resultados já-obtidos e ex-

primindo a confiança que fazem esperar ainda muito d'ella.

Referindo-se á crise geral sobre a agricultura e a industria, diz :

« Estou convencido que a reacção virá. Os prodromos do renascimento já se annunciam nas esperanças, que se generalizam, de uma proxima elevação nos preços do café e na efficacia dos esforços que se multiplicam, individuaes e collectivos, dos productores dos Estados, e dos agricultores e industriaes.

Pertença embora aos Estados a maior somma de responsabilidades no que respeita á producção e ás industrias nacionaes, não é licito aos poderes da União desinteressar-se da sua sorte, porque dellas provém toda a riqueza do paiz e os recursos com que em geral são custeados os seus orçamentos.

Animar a immigração, a agricultura, a industria e o commercio é encargo sabiamente attribuido pelo legislador constituinte aos poderes geraes da Republica.

« E' certo tambem que os nossos ministros no exterior nenhum serviço pôdem prestar de maior utilidade para o paiz do que o de se esforçarem ardentemente no sentido de tornarem facil e constante a corrente de immigração para os Estados da Republica.

Devo acrescentar agora com a maior convicção que á idéa do povoamento prende-se a do saneamento desta capital, que contém os melhores elementos para se constituir em poderoso fóco de attracção de braços e de capitães.

Termina assim o seu importante programma :

« O que é preciso é fazel-a anada, a Republica, pela pratica inalteravel da justiça, pelas mais largas concessões aos principios de liberdade e pela mais decidida tolerancia a todas as opiniões, mantendo e assegurando, dentro e fóra do seu territorio, com firmeza e dignidade, a ordem e a paz, condições de vida indispensaveis aos povos e aos seus governos.

E' muito grande a honra de ser depositario de vossa confiança. Se ha nõ meu passado, nos actos de minha longa vida politica alguma cousa que vos pareça digna de garantir o empenho de bem servir á Republica, eu vol-a dou em penhor de minha lealdade, com o compromisso solemne de trabalhar com a maxima dedicação, sem odios, sem o animo de reacções, sem temores e com a maior confiança no futuro de nossa patria.»

O Sr. Dr. Silviano Brandão manifestou perfeita uniformidade de vistas com o Sr. Dr. Rodrigues Alves, insistindo sobre o perfeito accordo que deve existir entre os dois primeiros magistrados da Republica, para a boa marcha da administração.

DR. PRUDENTE DE MORAES

Chegou hontem de S. Paulo o illustre Sr. Dr. Prudente de Moraes, ex-presidente da Republica, que tão profundas e poderosas sympathias deixou no coração do povo brasileiro.

S. Ex.^a desembarcando da "gare" da Central, foi recebido com uma manifestação de apreço e jubilo. O seu carro foi obrigado a seguir a passo da Central até o Rio Comprido pela multidão que o seguia, victoriando-o, em delirio.

REAL E BENEMERITA S. P. DE BENEFICENCIA

No dia 20 ultimo esta nobre e digna associação realizou uma festa deslumbrante e animada como costumam ser as de sua commemoração.

A concurrencia avullada e fina encheu o sumptuoso edificio e cada convidado era recebido nas largas escadarias pelo fidalgo acolhimento dos Srs. Visconde da Saude, presidente; Bento de Carvalho, secretario; commendador José Pereira de Souza; thesoureiro; Julio Vianna, procurador do Hospital, e Francisco Maia, syndico.

A festividade religiosa obedeceu a um programma bellissimo e a sua execução foi digna de nota.

Pouco depois das 11 horas entrou a missa, pontificando o Revm. Monsenhor Vigario Geral João Pires de Amorim, sendo presbytro assistente o Revm. Monsenhor Molina.

Cantou ao Evangelho o Revm. Monsenhor Dias da Rocha e á Epistola o Revm. Conego Amador Bueno de Barros; serviço de mestre de cerimoniaes o Revm. Conego Manoel Marques de Gouvêa.

Ao Evangelho proferio eloquente sermão o Revm. Sr. Padre Dr. Benedicto de Souza.

A parte musical foi regida pelo professor Guilherme de Oliveira. Após uma symphonia de Auber, seguiu-se a brilhante missa denominada Espirito Santo, do maestro Luigi Rossi, «gradual» de Montano.

A «Ave-Maria» ao prégador, do compositor classico Rubenstein, duetto para soprano e barytono graciosamente cantada

pelo Sr. Manoel Monteiro e sua Exma. esposa D. Mathilde Monteiro, que mereceram justos elogios.

O «Credo» foi do maestro Alfred Mine, ao offertorio foi cantada a «Prephiera» de Stradella, pelo tenor Sr. Pedro Cunha, e á elevação do calis o «Oh Salutaris» do finado maestro Raphael Coelho Machado.

A missa terminou á 1 hora da tarde, chegando momentos depois o Sr. Presidente da Republica e seu secretario Dr. Thomaz Cockrane.

A banda de musica militar postada no saguão excentou o Hymno Nacional, indo ao encontro de S. Ex. os membros da Directoria, os Srs. Ministro, Secretario da Legação e Consul Geral de Portugal, Dr. Edmundo Muniz Barreto, Chefe de Policia, e outros cavalheiros.

O Sr. Presidente da Republica, depois de algum descanso, passou a percorrer todo o edificio, e a S. Ex. bem como aos visitantes era dado de momento a momento manifestar o mais sincero regozijo e admiração por tudo aquillo que alli se patenteava: bibliotheca, secretaria, gabinetes, dependencias, banheiros, serviço sanitario, extensa e magnifica cozinha, salão de refeitório.

O gabinete de electricidade montado por completo, por iniciativa do Sr. Visconde de Saude e indicação do Sr. Dr. Rocha Faria.

A secção de operações, dividida em duas salas, uma para operar e outra para o arsenal cirurgico, inclusive uma mesa operatoria obedece aos rigorosos preceitos scientificos modernos.

As enfermarias, garridamente enfeitadas de arcos de bambús e palmas, de flores e folhagens offereciam bello aspecto, pendendo dos arbustos, globos de papel, lanternas chinezas.

De um e outro lado, os leitos bem preparados, deixavam ver a alvura da roupa branca, de permeio com flores.

E toda essa decoração e os enfeites que circumdam a imagem de S. Roque são adquiridos e executados pelos enfermos e a expensas suas. Por toda a parte nota-se ordem e rigoroso asseio.

Á 1 1/2 hora da tarde o Sr. Presidente da Republica chegou ao salão das sessões, assumindo a presidencia por convite gentil do Sr. Conselheiro Camello Lampreia.

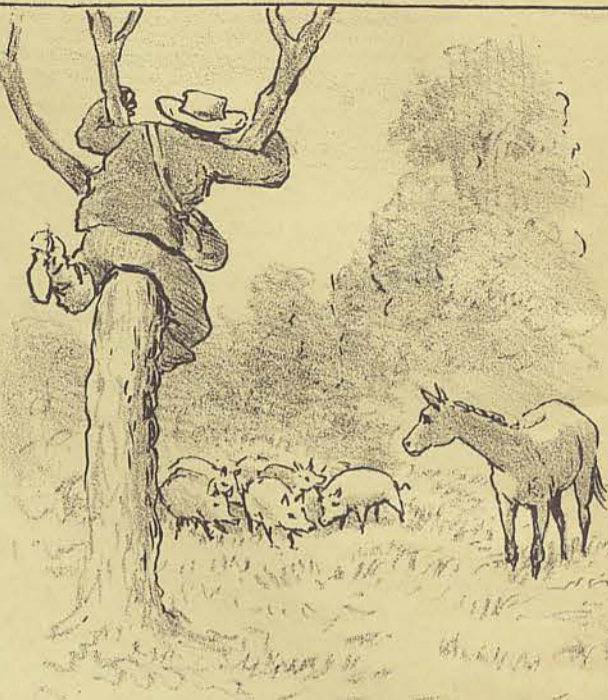
Orou o Sr. Visconde de Saude regosijando-se pela hospitalidade da Sociedade e



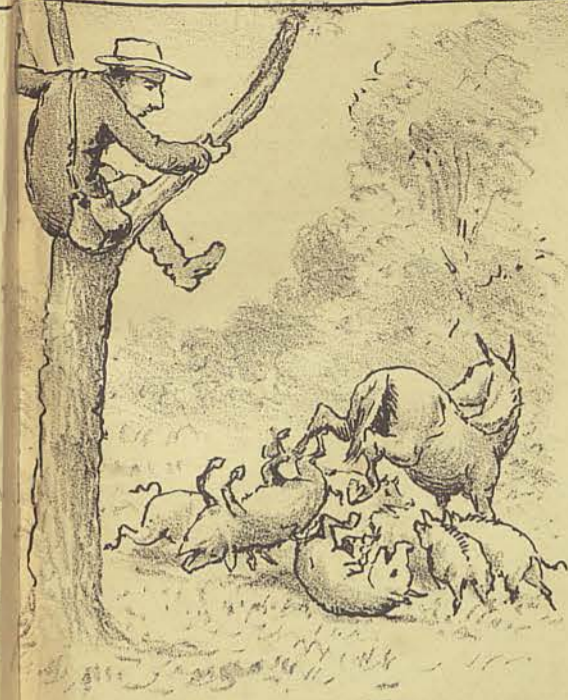
Zé procurou matar a fome, como pôde, comendo algumas fructas sylvestres.



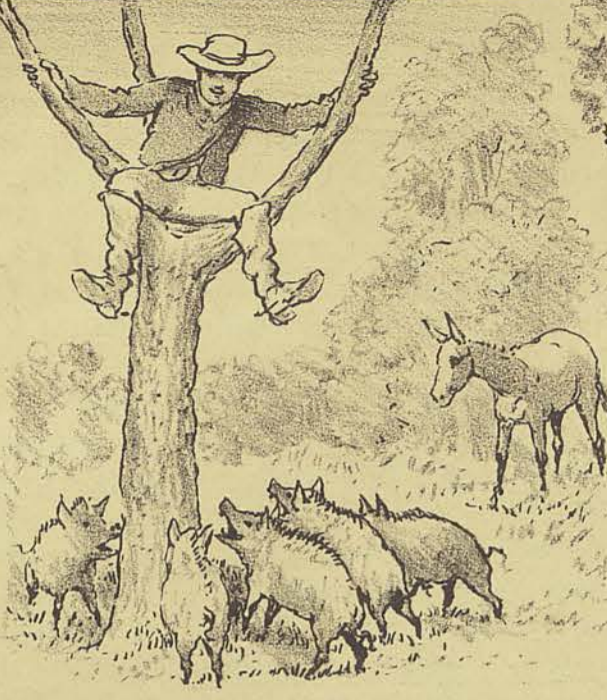
Deparando com uma casa de marimbondos, compreendeu que era preciso ter toda a cautela para não zangar os bichinhos, e...



tratou logo de descer. Um rumor estranho, motivado pela chegada de um sem numero de porcos bravos, conhecidos pelo nome de «queizadas», fê-o mudar de resolução.



Zé deu graças a Deus não ter descido da arvore e, vendo a sua bestinha distribuir uns pares de bons couces aos recém-chegados, não pôde conter um grito de satisfação: bravo!



A essa exclamação os porcos levantaram a cabeça, vendo um homem trepado na arvore, trataram logo de cercal-a e dispuseram-se a roel-a para a derrubar.



Mas a arvore era grossa, e Zé julgando-se seguro, olhava de palanque, para o inimigo de baixo, sem perceber que outro de cima dispunha-se a apoquental-o seriamente.



Ao sentir voar-lhe o chapéo, Zé levantou a cabeça e compreendeu logo o perigo da sua posição. Os macacos, vendo um concorrente ás fructas, mostravam-se tão irritados,



que Zé vio-se obrigado a arrancar um galho para correr com elles. Ao principio, recuaram, mas, voltando ainda mais zangados e fazendo medonhas caretas,



cahiram em cima do pobre Zé que julgou-se perdido. Não podendo nem livrar-se dos macacos nem descer por causa dos porcos,



Zé teve uma idéa feliz.—Eu já vou ensinar a estes macacos do diabo, disse elle; e, trepando no galho onde se achava a casa dos marimbondos, destruiu-a toda.



Os marimbondos, furiosos, cahiram aos milhares sobre macacos e porcos que puzeram em debandada e perseguiram até bem longe. Zé livrou-se das ferroadas, mantendo-se immovel e cobrindo a cara e mãos com o casaco.



Em menos de 5 minutos, o nosso heroe vio-se tiere de toda a bicharia. Contento com o seu estratagemma, disse: —Eu serei caipora, mas, de tolo é que não nada!



Dispunha-se a descer, quando uma onça, e das pintadas, sahiu do matto e approximou-se do lugar onde tinham estado os porcos. Ao ver a terrivel fera, Zé sentiu os cabellos arripiarem-se.



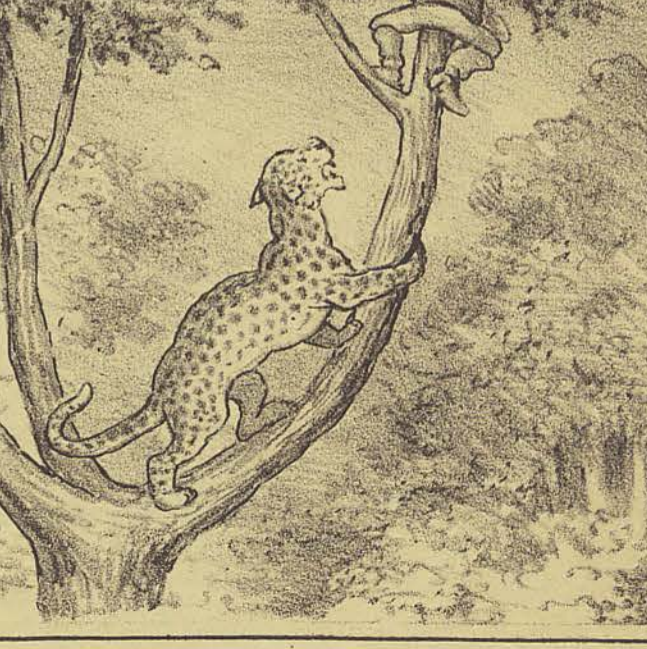
Ao movimento que fez o pobre Zé para subir de novo, a onça levantou a cabeça e soltou um ronco tremendo,



quando um pulo, ella trepou na arvore e tratou logo de subir mais alto.



A posição tornava-se cada vez mais critica. Ser devorado por uma fera e sobre uma arvore, como se fosse qualquer passarinho, realmente era horrivel!



Quando a maldicta, onça dispoz-se a segui-o, Zé vio que tinha chegado a sua ultima hora! Pobre Zé!

agradecendo a seus bemfeitores. Seguiu-se com a palavra o Sr. secretario Carvalho annunciando as cruces humanitarias que a Sociedade conferia, sendo a primeira collocada no peito do Sr. Dr. Campos Salles pela Sra. Viscondessa de Sande.

Seguiu-se luto banquete. Durante todo o dia muitos milhares de pessoas visitaram o soberbo edificio.

BELLEZAS MUNICIPAES

Os homens que, pelo voto livre dos vivos e dos mortos, principalmente dos mortos da capital federal, foram encarregados de velar pela sua decencia, prosperidade e limpeza, parecem ter sido escolhidos a dedo pela Providencia para a assombrar as gentes e assollar a *urbs* como um flagello de Deus, um castigo do Destino, punindo os vicios e peccados dos Cariocas.

Aquellas bemditas creaturas elevadas por obra e graça do Espirito Santo e frequezias adjacentes, ás alturas da edilidade, reúnem-se, ás vezes, como que por desfastio, e no meio de uma chusma de retratos, na sua maioria horrendos, a attestar o grao de civilisação e educação artistica dos pais da... cidade, discutem cousas, quasi em familia, por entre uma palestra descuidada, sorvendo aos goles café aromático e attendendo ao mesmo tempo, em adoravel democracia, aos amigos que chegam e contam casos.

E d'essa roda invejavel sabe um trabalhinho acabado, obra supimpa. As cousas da cidade ficam na mesma quando não vão a peor, mas em compensação, de quando em quando um dos illustres conselheiros municipaes, para quebrar a monotonia das sessões, lembra-se de uma barbaridade qualquer e zas! embasacam a todos com mais um disparate quasi sempre *double* de um attentado, provocando riso sem deixar de revoltar.

Não ha quem se negue a reconhecer o estado lastimavel, desolador, por que a cidade é, foi, e parece destinada a ser gerida, sem que uma só alma caridosa, um só espirito lucido, uma só consciencia recta trate do que, a nosso ver, constitue obrigação urgente. O caso dos edificios em ruina já nos tem feito despender muita tinta, muito papel e muita paciencia. O da rua da Quitanda, canto da de S. José, um na rua do

Liachuelo, os da Praça Tiradentes e tantos e tantos outros continuam a ostentar a desidia municipal, a envergonhar a cidade e a pôr em risco a integridade physica dos transeuntes.

Os da praça Tiradentes que tanto nos tem occupado, têm agora a fachada fóra do alinhamento, positivamente a cair, ameaçando a existencia dos incautos. A limpeza publica...

Mas isso são cousas insignificantes, indignas de occupar o cerebro de um nobre conselheiro municipal. E uma das Ex.^{cias} que não tem que fazer, lembrou-se de fardar os carregadores. Para que? Porque? ninguem o sabe; a ninguem é licito desvendar os mysterios de um cerebro municipal.

Mas quanto a nós, diante de semelhante lembrança, inutil, despotica e principalmente tola, occorre-se-nos outra: se os Srs. intendentes teem muita vontade de fardar por força alguém, fardem-se a si proprios.

Arranjem para as suas illustres pessoinhas fardas bem vistosas para que o publico os fique conhecendo bem e saiba a quem deve todas as miserias e vergonhas da capital da Republica.

CARIOCA.

O CASO DOS TURCOS

Decididamente é indiscutivel que ha raças e creaturas predestinadas, que por mais que fujam e lutem serão sempre perseguidas e sobre elles pesa a mão do Destino, encarnicado, cruel, implacavel.

Em torno a Turquia, as raças parecem purgar faltas immensas com um soffrimento perenne.

A perseguição do Eterno Docente, do louco que a Europa criminosamente mantém em Constantinopla, tem feito com que ninguem duvide de que estão nestas condições os povos da Armenia, Syria, Arabia, etc., hontem nações, hoctem livres, hoje escravas torturadas de Abdul Hamid.

Os pobres filhos d'essas nações humilhadas, fugindo a fome, a miseria, a morte, a luta de religião; vieram procurar sob o nosso sol um canto d'esta terra, que sobra, que chega para todos, onde ha espaço e campo para todas as actividades.

Parecia-lhes garantida a tranquillidade. Nesta terra todos os estrangeiros vivem e prosperam. Por que não viveriam e pros-

perariam os syrios, os arabes e os armenios, elles que mais ainda do que os demais estrangeiros são laboriosos, pacientes, praticos, conciliadores, habeis em negocio e de uma actividade assombrosa? Viveram, era de esperar.

Mas já o Destino, que parece perseguil-os, se fez sentir. Por duas vezes colonias inteiras d'esses trabalhadores tem soffrido guerra aberta e prejuizos sem conta, causados pela explosão de odios injustificaveis, que se mascararam com o rótulo de conveniencias e direitos.

Surge agora a campanha calorosa contra os chamados Turcos a pretexto de que prejudicam o commercio estabelecido com o commercio ambulante. E fallam em esthetica da cidade, em commercio desmoralizador. Não se comprehende porque se lembram d'isso agora. Sempre existiu o commercio ambulante no Rio de Janeiro. Antes dos turcos eram os italianos que o possuíam completamente e antes d'esses os portuguezes. É nunca ninguem se levantou contra elles.

E nunca ninguem alarmou a cidade apregoando os inconvenientes d'esse negocio.

Toda questão reduz-se a concurrencia commercial; podemos cembrar a um syrio qualquer objecto por 1/3 menos do que em outra qualquer parte, nada mais natural do que procurar-mos o mais barato.

D'ahi, essa liga contra o commercio ambulante. Quem escreve estas linhas acompanhou de perto o primeiro levante contra os syrios, que assumiu proporções tragicas no Estado do Espirito Santo ha 3 annos.

Eoi exactamente a mesma campanha de hoje com a differença do local. Aqui no meio da vida mais ou menos civilisada da Capital Federal a campanha foi iniciada na imprensa, discutindo direitos e conveniencias e appellando para as leis. No Estado do Espirito Santo, nas villas e aldeias e mesmo no sertão, começaram a fallar em pontos de reunião, planejaram uma reacção e passaram logo aos attentados, atacaram as casas dos syrios a cacetete, pedra e tiro; esbordoaram as pobres creaturas, arrancaram-nas de suas proprias casas, com a roupa do corpo, vestidos como se achavam na occasião e focaram-nos como um bando de coelhos, em batida, até o porto, onde todos foram mettidos aos empurrões a bordo em navios que os desembarcou—homens, mu-

lheres e crianças — no Rio de Janeiro, feridos e horrorisados. No embarque era tal a selvageria dos atacatões que alguns dos infelizes se atiraram ao mar para fugir mais depressa.

Aqui não chegamos a taes crimes mas o attentado contra o alento das gentes é o mesmo.

Condemnar o commercio ambulante, é uma tolice. O publico ganha com elle porque o negociante syrio lhe vai levar em casa os objectos de que necessita. Se além disso o vende por menor preço, é porque tendo mais razoavel e modesta comprehensão do commercio contenta-se em ganhar menos, apesar do seu trabalho extenuador com o nosso clima cruel.

Prestam importante serviço a população e são necessários.

A razão da campanha é a concurrencia — *Vous êtes crifère...*

E a causa primordial, a grande causa é a falta de dinheiro.

Se é!

GARATUJAS

COM AS LAVADEIRAS

Os nossos legisladores municipaes que não têm que fazer, por não se occupar do que devem, têm por vezes lembranças que parecem esquecimentos.

Um bello dia destes ultimos lembraram se talvez no meio de uma discussão accesa e intestina de que «a roupa suja lava-se em casa».

Este velho rifão trouxe a idéa de lavadeiras e metteu-se-lhes em cabeça fazer algo com as mesmas.

D'ahi ao projecto de lei era um passo. E o projecto surgiu luminoso, solemne, prohibindo lavar em casa e determinando a instituição de lavanderias publicas.

Esta organização seria util, mas prohibição subita da lavagem particular é um disparate como qualquer outro disparate municipal. Pois esteve por muito pouco, e viria prejudicar uma multidão de infelizes mulheres que vivem exclusivamente d'esse trabalho tão necessario á população.

Não, amigos edis; não é esse o processo a bem da hygiene e salubridade. Seria muito mais util e pratico cuidar da construcção de casas para gente modesta com pateos bem arranjados. Poderíamos, para começar, tratar das estalagens, melhora-

do-lhes as condições, exigindo limpeza, pateo com facil e rapido escoamento das aguas e já que fallamos em agua, ahi, a primeira cousa a fazer, seria debellar a eterna, nunca assaz fallada e celeberrima falta d'agua. Que dizem? Ahi está tanta cousa a fazer antes de inventar o projecto das lavanderias.

A ultima victima da sciencia, na capital carioca, foi um innocente animalzinho, uma linda cobaya, que falleceu innocullada por um escarro do inditoso Dr. Francisco de Castro.

O pobre bicho morreu em algumas horas e no seu cadaver foram encontrados os microbios da terrivel peste asiatica, que decididamente nos assolla e que toda a hygiene ainda não expulso.

Mas o caso tem outra face importante que daria um bello capitulo de historia com o suggestivo titulo: — *Onde se vê que um animal morto vote mais do que a palavra de um homem vivo.*

O cadaver da cobaya veio deixar de cara a banda o illustre medico Dr. Azevedo Sodré, que garantiu, sobre a sua palavra, que o Dr. Francisco de Castro não fallecera de peste.

Lá diz a comedia: *Il ne faut pas jurer...*

CHICO ACAUBA.

O INQUERITO DO BANCO DA REPUBLICA

O *Correio da Manhã* publicou no dia 19 do corrente o seguinte:

«O governo não quer que appareçam os nomes dos Srs. Victorino Monteiro, Campos Cartier, Ramiro Barcellos, Frederico Borges e outros amigos do governo, que votaram pela liquidação do Banco da Republica, para poder pagar os seus debitos com 40 % de abatimento.

Esta accusação provocou explicações pessoas na Camara dos Deputados. Quem primeiro fallou foi o Sr. Frederico Borges, que disse ter votado pelo inquerito requerido pelo Sr. Barbosa Lima, justamente, por ser devedor do Banco. Não fora isso e teria sido contrario a uma medida que offende a todos os principios de direito e que equivale a uma suspeita lançada sobre os membros do Congresso Nacional.

Forçado por motivos imperiosos, contrahiu naquelle banco um emprestimo de 84:00\$, garantido por firmas commerciaes respeitaveis e sem que isso importasse em favor algum. Essa divida está hoje reduzida a 20:00\$, mais ou menos, graças aos seus esforços, ao seu trabalho e ás suas economias, levando todos os mezes, integralmente, o dinheiro dos juros e amorti-

zação ao banco. Não é exacto que tivesse obtido abatimento de 40 % nem de 4 %: está pagando integralmente os juros e amortizando a divida.

Depois fallou o Sr. Victorino Monteiro. A sua unica transacção com o Banco da Republica foi a de servir de fiador para um emprestimo contrahido pelo Sr. Carlos Teixeira, presidente de uma companhia. Nada deve ao Banco da Republica.

O Sr. Germano Hasslocher fallou tambem, para defender seu particular amigo o illustre deputado rio-grandense Dr. Campos Cartier, que se acha ausente. Não é verdade a accusação de ter tido 40 % de abatimento na sua divida para votar favores ao banco; o Sr. Campos Cartier tomou de emprestimo no Banco Republica 2000\$, mas dois annos depois estava a divida paga integralmente, em época muito anterior á sua eleição para deputado.

Terminaram as explicações com algumas palavras do Sr. Barbosa Lima, dizendo S. Ex. que nada tem com o publicado no *Correio da Manhã*, jornal este em que não escreve e para onde não manda informações directas ou indirectamente.

CAMARA DOS DEPUTADOS

Na sessão de ante-hontem o Sr. Aureliano Barboza deu um aparte que era melhor nunca ter dado. Sobre a indemnização ao Victor Meirelles, disse esse senhor:

« Que não votava a favor do projecto porque não está convencido do valor do artista. *Não conhece este no Brazil.* O que sabe, o que vê, e o que conhece, são uns *cacos* muito mal feitos, trepados em grandes pelestaes, com pretensões a estatuas. A arte não existe no Brazil, pelo menos em relação á pintura e á esculptura. »

No entretanto não ha ninguem aqui que não conheça Victor Meirelles pintor, e o Rodolpho Bernardelli, como escultor, em toda parte do mundo é victoriado como grande artista.

Quem é completamente desconhecido é o Sr. Aureliano Barboza. E a sua sem-saboria a respeito de arte é mais que notavel por semelhante... desacerto.

Encontra-se na Camara cada deputado.. !

NOSSA ESTANTE

Recebemos o n. 75 da *Revista da Semana*, a interessante edição illustrada do *Jornal do Brasil*, contendo, como sempre, excellentes gravuras e boa collaboração.

— *A Rua do Ouvidor.*

— *Dos Alpes... Flocos e Rimas*, de J. M. Cardoso de Oliveira, livro de versos de que trataremos proximo e — *Le Gouffre na Suissa* — folheto em que estão reunidos os artigos publicados pela imprensa suissa sobre o drama *Le Gouffre*, original do nosso compatriota Cardoso de Oliveira.

— *A Capital Paulista*, n. 27, com excellent collaboração litteraria.

— *A Bacchantz*, poemeto de Horacio Nunes.

Noticias Varias...



É não é que a Intendencia quer nos pôr farda! Homem, essa Havemos de vêr.



D'aqui a pouco, a gente pobre não pôde lavar a roupa.



Akanyousi bed-bed buldipe! Isto quer dizer, que os turcos não poderão vender cousa alguma.



Eis a vestimenta que precisam estes intendentes. É a spelunca do Largo do Rocio para mettel-os dentro



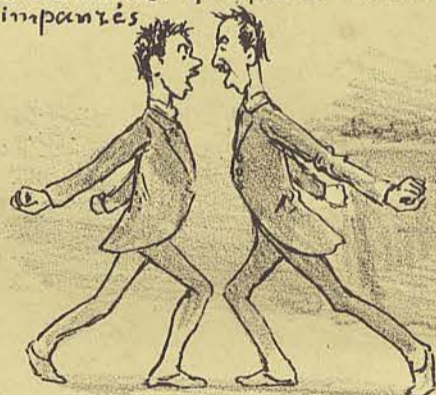
O Sr Barboza Aureliano tem a coragem de declarar que de arte não entende nem sabe quem é Victor Meirelles, e os "caicos" sobre pedestaes que fazem estatuas, uma porcaria. Este deputado está na Câmara. Não era melhor que ficasse entre os bugres Chimpanzês



Epoca de brigas. Começamos pelas deputados. Briga de Soccos.



Brigam por causa do Coiô



Brigam entre compadre e comadre, por causa da folha da Intendencia.



Grande discurso do Dr Rodrigues Alves no banquete do Cassino. Causou entusiasmo entre os ouvintes. Por engano um metteu um doce no nariz!

Chegada à Capital do Dr Prudente de Moraes. Grande ovação, grande delirio por entre as innumerables apreciadores do ex-presidente.